

Helena Midori Kashiwagi

Professora de Planejamento Urbano do Curso de Gestão Ambiental da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná
helenamkashiwagi@yahoo.com.br

Desvendando as homonímias súgnicas da paisagem do Parque Nacional de Superagui: Subsídios metodológicos às ações de planejamento ambiental

Resumo

Neste artigo objetivou-se apresentar subsídios metodológicos às ações de planejamento ambiental do Parque Nacional de Superagui por meio da identificação das homonímias súgnicas nas análises da paisagem. Os aportes teórico-metodológicos se fundamentaram na interface dos saberes da Geografia Humanista-Cultural, em sua vertente fenomenológica, com as teorias Semiótica e Linguística. A pesquisa utilizou como ferramental de investigação os mapas mentais, cuja metodologia de interpretação do significado dos signos das imagens mentais constituiu-se na essência fenomenológica das entrevistas associadas às teorias súgnicas de Charles Peirce e linguística de Stephen Ullmann. Com a identificação da homonímia súgnica da paisagem em áreas preservadas, buscou-se desvendar a raiz dos conflitos socioambientais, culturais e econômicos de um grupo social. Propõe-se com essa investigação um caminho para rediscutir e mediar as divergências de interesses entre os atores sociais, abrindo-se novas perspectivas de diagnóstico para as políticas de planejamento ambiental em áreas preservadas.

Palavras-Chave: Geografia Humanista-Cultural, Fenomenologia, Semiótica, Mapas Mentais, Homonímia Súgnica.

Abstract

THE UNVEILING OF LANDSCAPE HOMONYMS SIGNS IN THE NATIONAL PARK SUPERAGUI: METHODOLOGICAL SUBSIDIES TO THE ACTIONS OF ENVIRONMENTAL PLANNING

This paper aimed to provide subsidies to the actions of methodological environmental planning Superagui National Park through the identification of homonym signs in the analysis of the landscape. The theoretical and methodological contributions were based on the interface of the knowledge of Humanistic-Cultural Geography, in its phenomenological origin, with Semiotics and Linguistics theories. The research used as a tool the mental maps, with a methodology for interpreting the meaning of the signs of mental images constituted in the essence of the phenomenological interviews associated with theories of signs of Charles Peirce and Stephen Ullmann linguistic. With the identification of homonym signs landscape in conservation areas sought to unravel the root of social and environmental conflicts, cultural and economic aspects of a social group. It is proposed that research with a way to re-discuss and mediate disagreements between the interests of social actors, opening up new prospects for diagnosis of environmental planning policies in conservation areas.

Key-words: Humanistic-Cultural Geography, Phenomenology, Semiotics, Mental Maps, Homonym Sign.

1. Introdução

Nesse artigo buscou-se apresentar as homonímias sógnicas da paisagem como subsídios metodológicos para as ações de planejamento ambiental no Parque Nacional de Superagui. Os aportes teórico-metodológicos consolidaram-se nos fundamentos da Geografia Humanista-Cultural, em sua vertente fenomenológica, na interface com a Semiótica e a Linguística para consolidar as reflexões conceituais. Utilizou-se como ferramental de investigação os mapas mentais, cujos significados dos signos das imagens mentais foram interpretados por meio da associação da essência fenomenológica das entrevistas com a análise triádica semiótica de Peirce e linguística de Ullmann, identificando-se as homonímias sógnicas da paisagem (KASHIWAGI, 2011).

O Parque Nacional de Superagui foi criado em 1989 e até o momento não possui um Plano de Manejo, cuja falta de regulamentação das normas de uso e ocupação do solo implicou na proibição generalizada das ações dentro da área do Parque. Nesse sentido, as atividades de subsistência de

muitas comunidades tradicionais caiçaras que vivem dentro dos limites do Parque foram proibidas e passaram a ser ilegais. Algumas dessas comunidades, como a pequena Barbado, com aproximadamente 80 habitantes, são seculares e resistem ao processo de desapropriação sobrevivendo da visita de eventuais turistas, de ações assistencialistas de organizações não governamentais e programas do governo federal, como bolsa família e recentes aposentadorias.

Nos últimos 20 anos, a fiscalização ostensiva por terra e por mar transformou o cotidiano das comunidades num palco de terror e pânico, gerando os conflitos sociais, culturais, econômicos e ambientais. De forma velada, o turismo tem sido uma das alternativas econômicas encontradas pelas comunidades para sua sobrevivência.

Nessa atmosfera de desconfiança dos moradores locais houve a necessidade de repensar as estratégias de aproximações e adoção de uma metodologia de coleta de dados que não os fizessem sentir medo de expressar os sentimentos e apreensões sobre o lugar. Durante as aproximações, verificou-se que a técnica de desenho, denominada de mapas mentais, foi bem aceita. Por outro lado, o consentimento para a gravação das falas ocorreu depois de três anos de contato, quando se constituíram os laços de amizade. Nas representações mentais dos moradores verificou-se o retrato do mundo vivido atual e, nas falas, as recordações de uma cultura que se perdeu com as intervenções dos homens da cidade.

A preocupação em interpretar o significado dos signos das imagens mentais implicou na elaboração de um procedimento metodológico que não se restringia apenas à classificação e à categorização, mas que permitisse desvendar o significado. Nas fases de interpretação dos signos dos mapas mentais, percebeu-se a reincidência de alguns signos num mesmo grupo amostral ou entre os grupos amostrais, com significados ora comuns ou ora divergentes. Foi na divergência dos significados de um mesmo signo que identificamos o signo homônimo ou homonímia sgnica, na qual um mesmo signo comum nos grupos amostrais possui significados distintos.

As homonímias sgnicas da paisagem objetivam contribuir na fase de elaboração de diagnósticos das ações de planejamento, pois muitas vezes a essência do significado dos signos de uma paisagem não é perceptível

nos procedimentos formais. Nesse aspecto, desvendam-se as raízes dos conflitos socioambientais, culturais e econômicos de um grupo social e abrem-se novas perspectivas de mediação das divergências de interesses entre diferentes atores sociais. Verifica-se com esse trabalho algumas das contribuições efetivas da Geografia Humanista-Cultural às políticas públicas de planejamento urbano ou ambiental.

2. Reflexões teóricas sobre o método fenomenológico

No início do século XX, Edmund Husserl, considerado o fundador da Fenomenologia Moderna, propôs, com sua obra *Investigações Lógicas* (1901), o voltar às coisas mesmas, o que anunciava um novo método de pensamento. Isso significava ir contra o método que se contentava com a compreensão simbólica das palavras, tidas como autocoerentes e regidas por uma concepção formal da verdade, contrariando o formalismo simbólico. A verdade de Husserl era construída a partir da experiência e da intuição, na qual um objeto só poderia ser conhecido se fosse dado em uma evidência intuitiva atestada na primeira pessoa (DEPRAZ, 2007, p. 30).

O método fenomenológico husserliano se embasa na *redução*, que fundamenta toda a edificação fenomenológica, em suas diferentes formas: conversão reflexiva, variação eidética e a epoché transcendental. Na conversão reflexiva ocorre uma conversão do olhar, uma metáfora da visão, um olhar que se volta para si, desviando-se do mundo que o impede de completar a volta. Na variação eidética, o olhar busca a essência das vivências, isolando a essência daquilo que vê para se alcançar a verdade. Na epoché transcendental o olhar sofre uma modificação, uma neutralização de sua validade, uma suspensão de toda a ação, de todo o juízo, ou seja, de interrupção do curso natural de nossos pensamentos comuns, das ações cotidianas, motivando uma conversão do olhar ou ainda uma variação eidética. A construção do método fenomenológico husserliano embasa-se nessas formas de redução fenomenológica, busca uma originalidade no método, mas que ainda atém-se ao caráter essencialmente descritivo.

Já o método fenomenológico de Martin Heidegger passa por uma visão ontológica transcendental, propondo a expressão *ser aí*, ou seja, que indica um ser situado no meio do mundo, ou seja, um ser-no-mundo. Nas análises fenomenológicas, o importante era observar e distinguir entre fazer um relatório narrativo sobre os entes, e apreender o ente em seu ser (HEIDEGGER, 1993, p. 68). Com uma concepção de Fenomenologia como hermenêutica, Heidegger procurava estruturar uma renovação da Fenomenologia, capturando no princípio da presença do *ser* do ente e seu desvelamento como *ser-aí* (ser-no-mundo), a constituição do *ser* do homem, da mulher, da criança, de uma cidade, de uma comunidade, de um conjunto paisagístico, entre outras possibilidades geográficas, ou seja, a humanidade como realização (ARAUJO, 2007, p. 94).

A hermenêutica fenomenológica heideggeriana é substituída em Maurice Merleau-Ponty por um processo mais radical de ontologização fenomenológica. Seguidor da Fenomenologia de Husserl, Merleau-Ponty propôs como núcleo de sua filosofia um elaborado pensamento sobre a percepção humana. Na obra *Fenomenologia da Percepção* (publicada em 1945), o autor apresenta a experiência do movimento corporal como mais originária que uma atividade perceptiva. Diferente de Heidegger, o mundo era apreendido com o próprio entrelace da carne. Merleau-Ponty encontrou na Fenomenologia uma possibilidade de revisar as noções de consciência e sensação, concebendo um novo método de entender as operações da consciência. Acreditava que a Fenomenologia com base em seus métodos poderia desenvolver uma renovação da Psicologia, contestando que a consciência seria composta apenas por um agregado de impressões sensoriais (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 339).

Na visão de Moutinho (2006, p. 345), o pensamento de Merleau-Ponty conduziu a uma nova relação entre ciência e filosofia, buscando a união da perspectiva realista e a perspectiva idealista, entre exterior e interior, fazendo desse encontro uma nova definição da razão. Para Merleau-Ponty (1999, p. 3), o prestígio da Fenomenologia e a seriedade filosófica caminham há muito tempo, e os discípulos as reencontram e reinterpretem, mas a unidade da Fenomenologia e o verdadeiro sentido estão em cada indivíduo. Não se buscou encontrar uma nova filosofia, mas

sua potencialidade como método fenomenológico. Talvez por esse motivo, Merleau-Ponty acreditasse que a Fenomenologia permanecia, ainda, em estado de começo, e principalmente em estado de promessa de novos olhares e investigação sobre o geográfico.

A Fenomenologia, como no princípio já propunha Husserl, era fundamentalmente um método, o qual já teria provado sua riqueza em outros domínios disciplinares, apresentando-se como uma nova dimensão aos estudos geográficos. Contribuem para essa renovada dimensão: o caráter de utilidade de todo fato cultural, sempre inscrito dentro de uma perspectiva prática, ativa ou potencial, e o caráter antropocêntrico de todo conhecimento, do qual se deriva uma explicação que só é satisfatória à medida que é fundada sobre a compreensão das intenções e das atitudes humanas. Dessa forma, a fonte legítima do conhecimento era a explicação centrada sobre as experiências vividas cotidianamente e contextualizadas pelos instrumentos culturais que lhes são relativos (GOMES, 1996, p. 326).

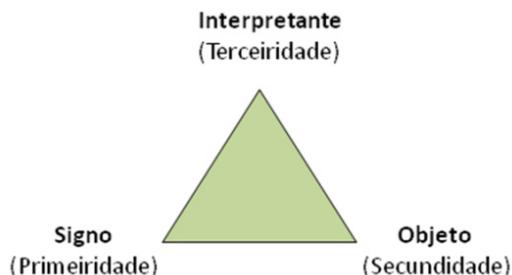
3. As bases fenomenológicas na construção do signo

O conceito de signo no método Semiótico desenvolvido por Charles Sanders Peirce consolida-se na descrição dos fenômenos com base na experiência. Com as bases fenomenológicas, Peirce gerou uma fundamentação conceitual simples e aplicável a qualquer assunto, cuja lógica possibilitaria a criação de instrumentos científicos e métodos para orientar o raciocínio, auxiliar e ampliar o poder da razão. Nesse viés, considerou-se que uma ação ou experiência também poderiam funcionar como signo por apresentar-se como resposta ou uma marca deixada no mundo. Com essa consideração, mostrou as raízes fenomenológicas para apurar seu olhar investigador sobre os fenômenos experienciados pelo indivíduo. Pierce usufruiu da Fenomenologia como método para contribuir com a Semiótica na classificação e na descrição de todos os tipos de signos, e percebeu a grande contribuição da Fenomenologia para a definição de suas categorias signícas, acreditando na sua *phaneroscopia*, descrição dos *phanerons* ou fenômenos (SANTAELLA, 1985, p. 36).

Uma das preocupações de Peirce (2008, p. 19) era criar uma doutrina das categorias sgnicas, a partir do exame atento do modo como as coisas apareciam à consciência e da análise dos fenmenos mentais. É dessa análise da observação direta dos fenmenos, nos modos como eles se apresentavam à mente, que suas categorias universais puderam ser divisadas numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência: Qualidade, Reação e Mediação, posteriormente, para fins científicos, denominados de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade (COELHO NETTO, 2001, p. 61).

Dentro desse contexto, o conceito de signo para Peirce constituiu-se a partir de três entidades: Signo, Objeto e Interpretante. O signo é como o Primeiro (Primeiridade, nível do sensível), o objeto como um Segundo (Secundidade, nível do evento) e o interpretante como um Terceiro (Terceiridade, nível da razão). O signo, no esquema triádico proposto na teoria peirceana, determina seu interpretante, sendo que o próprio signo é determinado por seu objeto e é pelo signo que o objeto cria e determina seu interpretante (Figura 1).

Figura 1
MODELO SGNICO TRIÁDICO DE PEIRCE



Fonte: Adaptado de COELHO NETTO, J. T. (2001, p. 65)

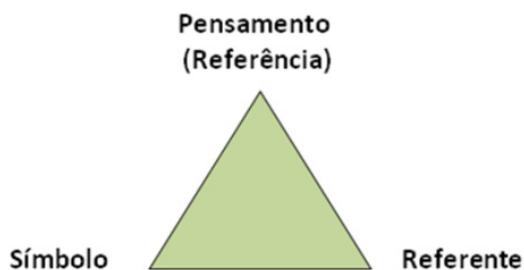
4. Caracterizando o sentido de homonímia no significado do signo

O aporte conceitual-teórico sobre a compreensão de Homonímia se embasa na teoria do linguista Stephen Ullmann (1964, p. 113), o qual se aprofundou nos estudos sobre o significado das palavras. Suas reflexões partem da relação triádica de signo de Ogden e Richards (Figura 2), cujo modelo analítico do significado tem como característica essencial a distinção de seus três componentes. Nessa interpretação, não há relação direta entre as palavras e as coisas que elas representam: a palavra simboliza um pensamento ou referência que se refere ao acontecimento falado. Ullmann, na busca pela definição do significado das palavras, propõe uma relação triádica – nome, sentido e coisa – cujos termos, apesar de lhe parecerem vulgares, ele adotou para uma melhor compreensão na linguagem do cotidiano (Figura 3).

Ullmann afirma que as palavras têm uma estrutura dualista, simplesmente porque são signos e a utilização do significado de uma palavra precisa, antes, expandir-se em duas direções: primeiro, deve-se fazer uma provisão de significados múltiplos (Figura 4), pois até esse momento o esquema apresenta-se em três situações: com um nome e um sentido (Situação A), mas pode apresentar-se com vários nomes ligados a um mesmo sentido (Situação B) ou inversamente com vários sentidos ligados a um nome (Situação C); segundo, a palavra não deve ser considerada como uma unidade isolada e fechada em si própria, pois ela vai além da relação nome e sentido. As palavras também estão associadas com outras palavras, com as quais têm alguma coisa em comum, seja no som ou no sentido, ou em ambos ao mesmo tempo.

No esquema da Figura 4, Ullmann observa que na situação C existe uma polissemia, ou seja, a mesma palavra pode ter dois ou mais significados diferentes. Os matizes diversos de um mesmo sentido básico de um nome caracterizam a polissemia. Na situação B, as palavras são sinônimas com um mesmo significado, e na situação A é uma palavra que tem um único significado. Com sutis diferenças da situação C, há uma quarta situação D (Figura 5), que nos leva a duas ou mais palavras idênticas no

Figura 2
MODELO TRIÁDICO DE OGDEN E RICHARDS



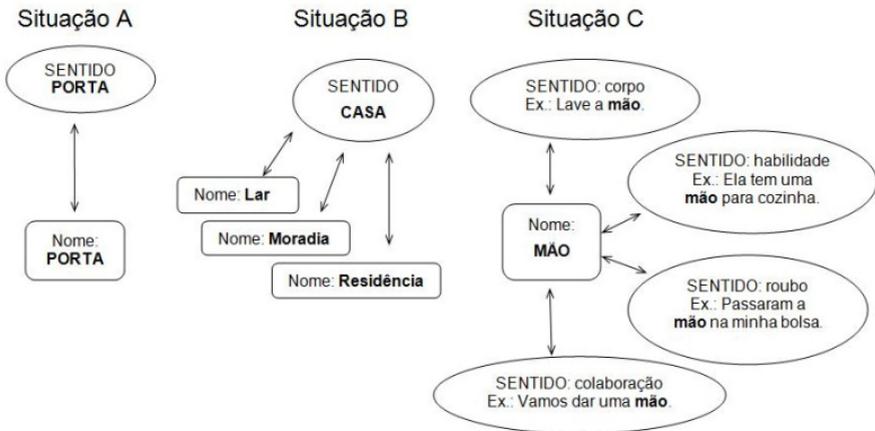
Fonte: ULLMANN, S. (1964, p. 116)

Figura 3
MODELO TRIÁDICO DE ULLMANN



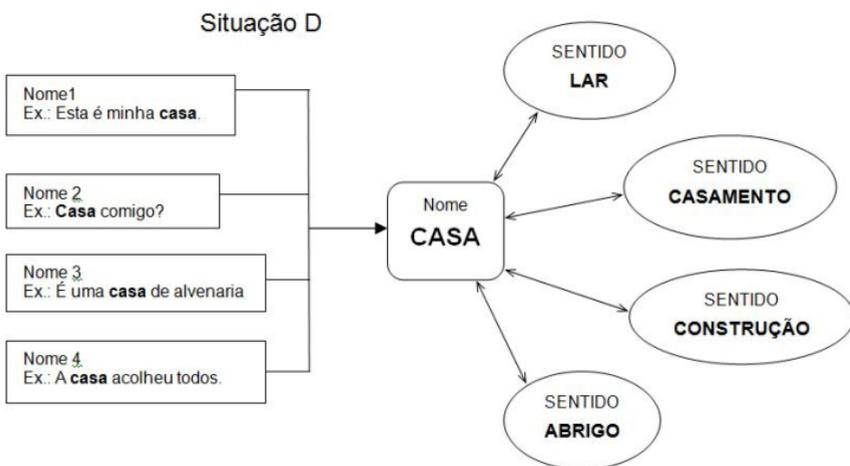
Fonte: ULLMANN, S. (1964, p. 119)

Figura 4
SIGNIFICADO DE UMA PALAVRA



Fonte: Adaptado de ULLMANN, S. (1964, p. 130)

Figura 5
ESQUEMA BÁSICO DA HOMONÍMIA



Fonte: A autora, 2011

som, na pronúncia, com a mesma ortografia, mas com significados diferentes, o que Ullmann denominou de homonímia. Isto é, na homonímia os significados diferentes (sentido) são expressos por um mesmo nome.

Nessa breve conceituação sobre homonímia, o objetivo consistiu em reconhecer a ambiguidade lexical de palavras homônimas para nos subsidiar na identificação de uma possível homonímia sónica nas representações de mapas mentais. Isto é, o estudo semântico das palavras presente na relação triádica de Ullmann, sob o ponto de vista da homonímia, é aplicado no modelo triádico de Peirce durante o processo de interpretação do mapa mental, no qual o falante (autor do mapa mental) exprime sua significação sobre os signos presentes em seu mapa mental.

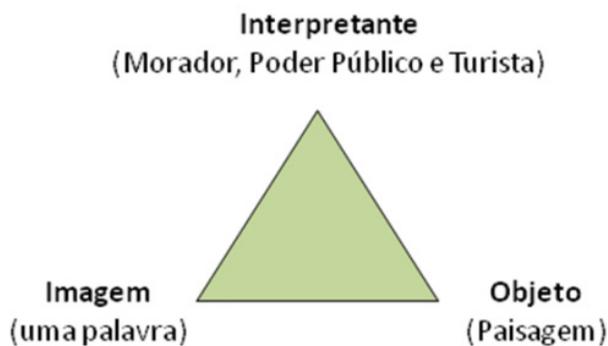
Dessa forma, os aportes teóricos de Ullmann contribuem na análise do significado dos signos presentes nos mapas mentais de diferentes sujeitos que representam um mesmo signo (nome), mas que, por outro lado, possuem significados divergentes. Por exemplo: nos mapas mentais, podemos observar círculos, quadrados, triângulos, que para seus autores é uma tentativa de representação de uma casa, ou seja, diferentes representações que significam um mesmo nome (casa), mas que representam divergentes significados. É o caminho da polissemia para a homonímia no exercício de interpretação dos mapas mentais. As aproximações do modelo triádico de Ullmann com o modelo triádico de Peirce clarificam-nos a contribuição da Linguística à Semiótica.

5. Constituindo a homonímia sónica

Na tentativa de analisar as imagens representadas nos mapas mentais com o objetivo de identificar os elementos sónicos e seus significados, recorreremos a uma abordagem fenomenológica associada à Teoria Sónica da Semiótica, para identificar as possíveis homonímias sónicas entre os mapas mentais. Diante da contextualização sobre homonímia, intentamos identificar nos mapas mentais os signos homônimos que nos apontem os diferentes sentidos sobre um mesmo objeto.

Nesse sentido, com base na relação triádica de Ullmann (nome, sentido, coisa) e na relação de Peirce (signo, interpretante, objeto), observamos que, apesar das distinções nas entidades, elas assemelham-se quando o objetivo é definir o significado de um signo. Assim, em nossa análise, fazemos aproximações dessas duas tríades e constituímos outra: imagem, interpretante, objeto (Figura 6).

Figura 6
MODELO TRIÁDICO PROPOSTO

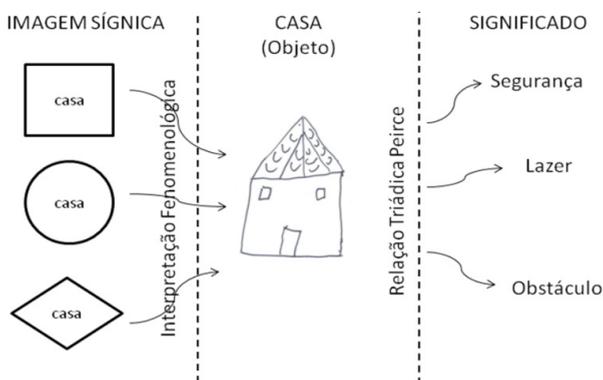


Fonte: A autora (2011)

No esquema da (Figura 6), o interpretante contempla os atores desta investigação: morador, Poder Público e turista. O objeto é a paisagem cultural da área de estudo. E a imagem, o signo, é a representação gráfica nos mapas mentais de um objeto físico, de um lugar, de um sentimento, identificados e nominados. O signo é representado por uma imagem identificada a partir de um nome, uma palavra. É nesse aspecto que assumimos a contribuição de Ullmann ao considerar uma palavra como signo. Entretanto, deixamos claro que nosso referencial sobre signo consiste no pensamento de Peirce, ou seja, reunindo as três pontas do triângulo e considerando uma relação triádica ordenada e completa. E, segundo as classificações sógnicas de Peirce, consideramos que o signo pode ser um simples objeto, um sentimento ou até mesmo um lugar. Por esse motivo, a importância de associar as entrevistas de base fenomenológica aos mapas mentais para identificar quais os signos são revelados nos esboços das imagens mentais.

Nesse contexto, vislumbramos a homonímia signica de objetos, de lugar e de sentimentos (Figuras 7, 8 e 9), cujas análises podem ocorrer entre os grupos amostrais ou num mesmo grupo amostral, as quais serão denominadas, respectivamente, neste estudo, de *homonímia signica intergrupos* e *homonímia signica isolada*. Essas duas classificações gerais de homonímia signica podem distribuir-se também em homonímia signica intergrupos de objeto, lugar e sentimento e homonímia signica isolada de objeto, lugar e sentimento.

Figura 7
HOMONÍMIA SÍGNICA DE OBJETOS

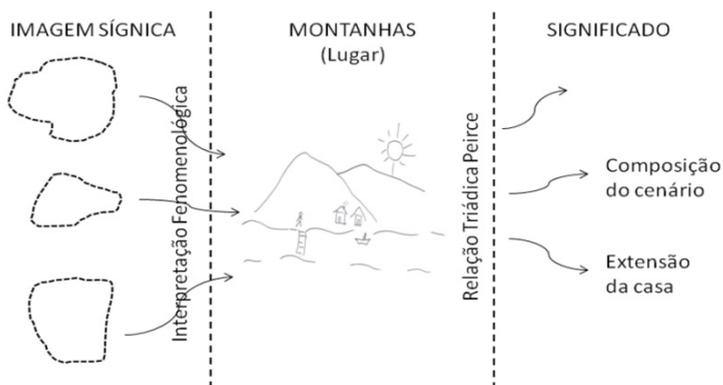


Fonte: A autora (2011)

Na homonímia signica de objeto (figura 7), por exemplo, uma casa, a imagem signica pode ser representada de tal forma pelo sujeito que, muitas vezes, não se assemelha à forma tradicional de uma casa. Talvez a falta de habilidade no desenho ou a falta de coordenação motora não lhe permita representar graficamente a imagem tal qual ela é vista. Mas, os traços do esboço ganham forma ao associarmos as falas sob uma abordagem fenomenológica, traduzindo a linguagem do desenho e revelando a valoração de objetos, lugares e a expressão de determinados sentimentos.

O objeto, tendo sua forma uma vez definida e identificada, assume a entidade signo da tríade peirceana e, com a análise ordenada e completa das relações com o interpretante e o objeto, constituem-se os significados das imagens signicas. Das divergências nos significados, abstraímos a homonímia signica do objeto.

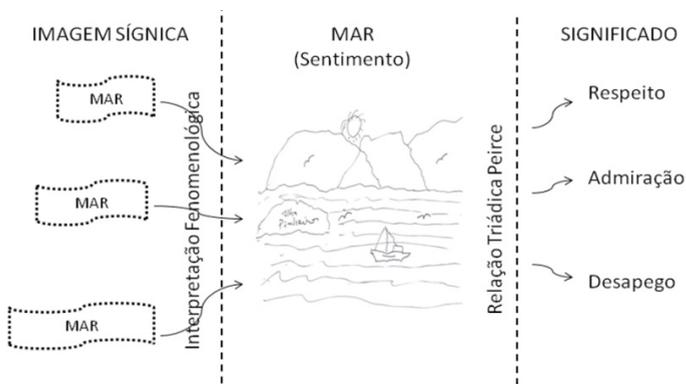
Figura 8
HOMONÍMIA SÍGNICA DE LUGAR



Fonte: A autora (2011)

Na análise da homonímia sígnica de lugar (Figura 8), as etapas são as mesmas. A questão é identificar o elemento sígnico que remete a algum sentido de lugar. Por exemplo, as montanhas, cujos traços podem ser representados de formas bem distintas, mas que, com as falas, identifica-se um sentido de lugar com distintos significados.

Figura 9
HOMONÍMIA SÍGNICA DE SENTIMENTO



Fonte: A autora (2011)

Contudo, na homonímia sgnica de sentimento (Figura 9), faz-se uma análise mais subjetiva, mas não menos importante, pois traduz o sentimento do sujeito sobre a área investigada. Assim, é preciso contemplar o mapa mental como um todo, cujas partes não podem ser analisadas separadamente, e com a associação da interpretação fenomenológica da entrevista, adjetivar, com um determinado sentimento, que traduza o que realmente expressa o desenho.

6. A metodologia de identificação das homonímias sgnicas

Em nossa investigação, não utilizamos uma metodologia específica para a análise e a interpretação de mapas mentais, mas a aproximação de alguns métodos para podermos identificar as homonímias sgnicas nos mapas mentais. A metodologia de análise consiste de três momentos:

No primeiro momento, com base na triade de Ullmann (Figura 3), associou-se as entrevistas de base fenomenológica aos mapas mentais para se nominar e identificar os elementos sgnicos, posteriormente classificou-se os signos por meio dos critérios da metodologia Kozel (2001), quanto à especificidade dos ícones: elementos da paisagem natural, construída e humanos.

No segundo momento, cada signo é analisado com base na triade de Peirce (Figura 1), porém, de acordo com a triade proposta (Figura 6), numa relação triádica completa e ordenada entre imagem-objeto-interpretante, buscando-se a essência do significado do signo.

No terceiro momento, verifica-se a reincidência de um mesmo signo por grupo de entrevistados e com base nos significados identifica-se a existência de homonímias sgnicas, podendo ser classificadas em homonímias sgnicas isoladas ou homonímias sgnicas intergrupos (consideradas as homonímias primárias), em homonímias secundárias e secundárias indiretas/terciárias.

7. Reflexões sobre a homonímia sgnica identificada

Os resultados das análises nos mapas mentais dos grupos amostrais (poder público, moradores e turistas) revelaram a reincidência do signo "casa" na identificação de diferentes significados desse signo em cada grupo amostral. Partindo da premissa que as diferentes imagens representadas nos mapas mentais assumiram uma mesma denominação CASA e que esse signo possui diferentes significados,  possível identificar uma homonímia sgnica intergrupos.

No momento em que se desvendam nas imagens representadas nos mapas mentais signos com as mesmas denominações (fato decorrente de uma interpretação fenomenológica), mas que manifestam diferentes significados (resultante da análise triádica peirceana), identificamos os signos homônimos. Estes podem ser encontrados no mesmo grupo amostral, o que denominamos de homonímia sgnica isolada, e entre grupos amostrais, o que denominamos de homonímia sgnica intergrupos.

Dessa forma, quando propomos uma análise entre grupos amostrais, nesse caso, com três grupos, é importante destacar que, antes do signo assumir o sentido de homônimo, ele é a expressão de uma coletividade sobre o objeto "casa". O signo passa a ser um signo homônimo quando confrontado com o mesmo signo de outros grupos e, dessa comparação, ele pode assumir ou não o sentido de signo homônimo.

Nesse sentido, acreditamos que, para se obter uma homonímia sgnica intergrupos, é preciso que haja a totalidade de incidência de um mesmo signo nos mapas mentais de cada indivíduo de cada grupo. Não considerar a totalidade poderia redundar numa expressão parcial do significado do signo, desencadeando uma falsa homonímia sgnica.

Nessa análise, a homonímia sgnica intergrupos nos revela as divergências de significado de um mesmo signo nas representações mentais, mas que somente torna-se visível aos nossos olhos quando submetemos os mapas mentais às análises fenomenológicas e às teorias semióticas.

8. Considerações finais

As políticas públicas de planejamento urbano ou ambiental, atualmente, estruturadas sob práticas de gestão democrática e participativa, visam a flexibilizar as normatizações em função das particularidades locais e regionais. Com a quebra do engessamento da legislação com maior participação popular e de outras entidades, vimos sair da invisibilidade as dificuldades na busca de consensos e na estruturação das diretrizes. A desigualdade social e a dificuldade de alguns grupos sociais em expressar seus anseios são algumas das causas dos impasses na aprovação de uma lei. Mas, outra causa é a não compreensão de uma linguagem técnica pautada na legislação, inviabilizando sua plena compreensão.

Nesse sentido, vislumbramos nas representações de mapas mentais uma linguagem igualitária de investigação, pois se referencia em linhas, traços e rabiscos para desvendar as impressões e os valores de um indivíduo. Apesar das crescentes contribuições científicas sobre o uso de mapas aplicados aos estudos do urbano, vemos o mapa mental ainda sendo empregado sem muita credibilidade, utilizado, muitas vezes, como meio de descontração e desinibição das pessoas nos programas de integração empresarial e em meios escolares. Infelizmente, há pouca literatura específica, sendo esse um dos principais motivos para tal banalização.

Por esse motivo, muito mais que simplesmente mostrar as etapas para se identificar as homônimas sógnicas, intentou-se estruturar um método de investigação que considerasse o uso dos mapas mentais como uma ferramenta válida, o que pode resultar em ricas contribuições nos processos de diagnóstico das políticas de planejamento. Por exemplo, em nosso objeto de estudo, a principal homonímia sógnica foi o signo “casa”, que, pelas análises, revelou divergências nos significados. O significado de “casa” é interpretado pelos três grupos entrevistados (Poder Público, morador e turista) sob diferentes olhares. O signo “casa”, na condição de objeto ou de lugar, demonstra que, na pureza dos moradores, significa lar, um lugar de segurança e proteção. Na visão egoísta dos turistas, significa nada além de um abrigo, um lugar distante da cidade que lhes oferece

paz e tranquilidade. Na visão ambientalista do Poder Público, a casa é um imóvel irregular que representa um lugar de degradação ambiental.

Essas veladas divergências de significados sobre um determinado signo são as principais causas dos muitas vezes incompreensíveis conflitos entre os sujeitos, pois as opiniões estão sob diversos invólucros mantidos, propositalmente, selados. Com a identificação da homonímia sógnica entre os grupos entrevistados, vislumbramos o alicerçar de pontes de integração e diálogo, principalmente, entre Poder Público e moradores da comunidade, o que pode possibilitar significativas contribuições para nortear as diretrizes de planejamento.

Esse trabalho nos mostra um dos caminhos de investigação sob o viés da Geografia Humanista-Cultural, cujas valiosas contribuições podem mudar o panorama da política de planejamento, disseminando uma visão mais humana e plural sobre o ser humano e dissolvendo o perfil autoritário, racional, com interesses unilaterais.

9. Referências

- ARAUJO, M. L. G. **Ciência, Fenomenologia e Hermenêutica**: Diálogos da Geografia para os saberes emancipatórios. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- COELHO NETTO, J. T. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- DEPRAZ, N. **Compreender Husserl**. São Paulo: Vozes, 2007.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- KASHIWAGI, H. M. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui**: as homonímias sógnicas da paisagem em áreas preservadas. 272 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

KOZEL TEIXEIRA, S. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba, a “capital ecológica”. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOUTINHO, L. D. S. **Razão e experiência**: ensaio sobre Merleau-Ponty. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 2006.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 39.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5 ed. Tradução de José Alberto Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Recebido em: 10/11/2011

Aceito em: 14/11/2011

